O Silêncio das Estrelas

Há perguntas que chegam demasiado cedo.

Elas instalam-se dentro de nós muito antes de estarmos preparados para lhes responder e acompanham-nos durante anos, silenciosas, mas persistentes, como uma maré que sobe pouco a pouco sem que nos apercebamos.

Quem sou?

Quem vou ser?

E, acima de tudo, quem poderia ter sido?

A Leonor não se lembrava da primeira vez que fizera essas perguntas. Tinha a sensação de que sempre estiveram consigo. Talvez tivessem nascido no mesmo instante em que aprendera a imaginar. Talvez fossem mais antigas do que isso.

Desde pequena, tinha um hábito estranho.

Quando passava por uma casa abandonada, não pensava em quem ali vivera. Pensava em quem poderia ter vivido.

Quando encontrava fotografias antigas, não imaginava a vida das pessoas retratadas. Imaginava os filhos que nunca tiveram, as viagens que nunca fizeram, as palavras que nunca disseram…

Por vezes, perguntava-se se todas aquelas possibilidades realmente desapareciam.

Parecia-lhe injusto que uma vida inteira pudesse deixar de existir sem deixar qualquer vestígio.

Naquela noite, essas ideias regressaram com uma força invulgar.

O relógio do quarto marcava quase duas da manhã, mas o sono recusava-se a chegar. Sobre a secretária acumulavam-se folhas com apontamentos para exames, brochuras universitárias e listas de cursos que familiares e professores insistiam em recomendar-lhe. Cada papel parecia conter uma versão diferente do seu futuro e, pela primeira vez, a Leonor sentiu-se esmagada pelo peso das possibilidades.

Durante anos, os adultos repetiram-lhe que podia ser tudo aquilo que quisesse.

Nunca lhe tinham explicado que essa liberdade também podia ser assustadora. Porque ser tudo significava renunciar a quase tudo.

Se escolhesse um caminho, centenas de outros desapareceriam para sempre.

A ideia instalou-se no seu pensamento como uma sombra.

Levantou-se da cama e abriu a janela, fazendo com que o ar da noite entrasse imediatamente no quarto.

Vivia junto ao mar desde que nascera e conhecia os seus sons tão bem como a própria respiração. Por isso estranhou o silêncio. O oceano parecia imóvel.

As ondas continuavam lá, naturalmente, mas moviam-se com uma serenidade quase sobrenatural. Nem o vento agitava as árvores. Nem os cães dos vizinhos ladravam ao longe. Era como se o mundo inteiro estivesse à espera de algo.

Ela apoiou os braços no parapeito da janela e ergueu os olhos para o céu. As estrelas pareciam mais brilhantes do que nunca.

Espalhavam-se sobre a escuridão numa quantidade impossível de contar, pequenas e distantes, mas simultaneamente tão presentes que quase parecia poder tocá-las.

Sentiu-se ridiculamente pequena.

Uma rapariga de dezassete anos numa cidade insignificante, num planeta insignificante, a preocupar-se com escolhas que provavelmente não tinham importância nenhuma para o universo.

Mesmo assim, continuavam a importá-la. E talvez isso bastasse.

Foi então que viu a estrela.

Ao princípio pensou tratar-se de uma estrela cadente comum, uma daquelas que atravessam o céu durante um segundo antes de desaparecerem. No entanto, esta comportava-se de forma diferente.

Não caiu.

Desceu.

Lentamente.

Como uma gota de luz escorrendo pela escuridão.

A estrela aproximava-se da linha do horizonte, cada vez mais próxima do mar.

Por um instante teve a impressão absurda de que estava a observá-la diretamente nos olhos.

Depois desapareceu. Mas não deixou de existir.

No lugar onde deveria ter desaparecido surgiu uma luz dourada.

Pequena. Distante. Imóvel.

A Leonor conhecia aquele pedaço de costa desde criança. Tinha explorado as falésias, os trilhos e os caminhos de terra dezenas de vezes. Não existia nada naquela direção. Nenhuma casa. Nenhum farol. Nenhum edifício.

Mesmo assim, a luz permanecia ali.

Brilhando. Esperando.

Durante vários minutos ficou imóvel à janela, tentando convencer-se de que estava cansada, de que os olhos lhe pregavam partidas ou de que tudo aquilo tinha uma explicação perfeitamente racional.

Mas quanto mais olhava, mais evidente se tornava que a luz era real. E a sensação de que, se não a seguisse, passaria o resto da vida a perguntar-se o que teria encontrado, tornava-se mais forte.

Vestiu um casaco por cima do pijama, calçou as sapatilhas e saiu de casa.

As ruas encontravam-se vazias. Os «intensos coloristas»[1] espalhavam círculos amarelos sobre o passeio molhado e a cidade parecia pertencer a «tempos de

[1] adaptado – Cesário Verde – "*Num Bairro Moderno*" – significa candeeiros

outrora»[2], mais antiga e mais silenciosa. A Leonor caminhou em direção ao mar, guiada pela luz distante que continuava visível para lá das falésias.

À medida que avançava, a sensação de estranheza aumentava. O mundo parecia ligeiramente deslocado do seu lugar habitual, como um livro cuja capa fora trocada sem que ninguém reparasse.

Demorou cerca de vinte minutos a alcançar o trilho que a conduzia ao topo da falésia.

O caminho ondulava entre arbustos escuros e rochas cobertas de musgo. Mais do que uma vez pensou em regressar a casa. A situação era absurda. Não fazia sentido seguir uma luz misteriosa no meio da noite apenas porque uma estrela parecia cair naquele local.

Mas continuou.

Porque algumas perguntas são demasiado importantes para serem ignoradas.

Quando finalmente alcançou o topo, o coração falhou uma batida.

O edifício estava ali.

Erguia-se diante dela como se sempre tivesse pertencido à paisagem e, ao mesmo tempo, como se tivesse acabado de surgir do nada.

Era uma construção enorme, feita de pedra escura, com janelas altas iluminadas por uma luz dourada que parecia sair suavemente por trás dos vidros.

A «varina»[3] ficou imóvel.

Tinha absoluta certeza de que aquele edifício não existia na véspera.

Ainda assim, encontrava-se ali.

Real.

Imponente.

Silencioso.

---

[2] Antero de Quental – "*Sonetos Completos*" – significa outra época

[3] Cesário Verde – "*Sentimento dum Ocidental*" – adaptado para significar jovem forte e independente

Atravessou o pequeno jardim que rodeava a entrada principal.

As ervas daninhas cresciam entre as pedras do caminho, mas não transmitiam abandono. Pelo contrário, pareciam fazer parte de uma beleza antiga e cuidadosamente preservada.

Parou diante da porta.

Era feita de madeira escura, marcada por centenas de riscos e pequenas imperfeições, como se milhares de mãos a tivessem empurrado ao longo dos séculos.

Acima dela, existia uma placa de bronze.

A Leonor aproximou-se e leu as palavras gravadas.

Biblioteca dos Livros Não Vividos.

O coração acelerou. Leu uma segunda vez. Depois uma terceira.

As palavras continuavam lá. Imutáveis.

Biblioteca dos Livros Não Vividos.

Uma sensação inexplicável percorreu-lhe o corpo.

Não de medo. Nem de entusiasmo.

Algo mais profundo.

Como se uma parte dela reconhecesse aquele lugar muito antes de o ter visto pela primeira vez.

A mão aproximou-se lentamente da maçaneta.

Durante um instante hesitou.

Teve a impressão de estar diante de uma fronteira invisível.

A sensação de que, ao abrir aquela porta, deixaria para trás o mundo que conhecia.

E talvez uma parte de si mesma.

Respirou fundo, empurrou a porta. E entrou.

A porta fechou-se atrás dela sem produzir qualquer som, mas a Leonor teve imediatamente a sensação de que algo se tinha alterado. Não no edifício, nem na noite que deixara para trás, mas dentro de si. Era como se, ao atravessar aquele limiar, tivesse abandonado uma versão antiga da sua vida e entrado num lugar onde as regras habituais deixavam de fazer sentido.

Permaneceu imóvel durante alguns instantes, permitindo que os olhos se habituassem à luz dourada que preenchia a biblioteca.

O espaço diante dela parecia mágico.

As estantes erguiam-se até alturas que a vista não conseguia alcançar, desaparecendo numa escuridão suave, «fugindo, enfim, de todo humano trato»[4]. Uma escuridão que não inspirava medo, mas uma espécie de respeito silencioso. Corredores sem fim cruzavam-se em todas as direções, formando um labirinto tão extenso que a jovem teve dificuldade em acreditar que tudo aquilo pudesse existir dentro do edifício que observara da falésia.

O ar tinha um cheiro estranho. Não era apenas o aroma familiar dos livros antigos. Havia também qualquer coisa que lhe fazia lembrar chuva sobre pedra quente, maresia e páginas acabadas de imprimir. Como se centenas de tempos diferentes coexistissem naquele lugar.

A Leonor avançou lentamente. Os seus passos não produziam eco.

Era como se a biblioteca absorvesse todos os sons, preservando um silêncio tão profundo que quase se permitia ao toque.

Passou os dedos pela lombada de um dos livros mais próximos.

A capa era lisa, sem desenhos nem texturas. Apenas um nome gravado em letras douradas. *Sofia*.

Ao lado encontrava-se outro. *Miguel.*

Depois outro. *Rita.*

[4] Luís de Camões - Égloga "*O Pescador Aónio"*

Centenas.

Milhares.

Talvez milhões.

Nenhum título. Nenhuma indicação sobre o conteúdo.

Apenas nomes.

Um arrepio percorreu-lhe a pele.

Não sabia explicar porquê, mas sentia que aqueles livros não eram simples livros. Havia qualquer coisa neles que parecia observá-la de volta, como se cada volume escondesse uma alma adormecida à espera de ser despertada.

Continuou a caminhar entre as estantes.

O corredor parecia prolongar-se infinitamente.

Foi então que reparou num nome familiar. O seu.

Leonor.

O coração acelerou.

Por um instante ficou a olhar para aquelas letras sem se mexer, como se receasse que desaparecessem caso piscasse os olhos.

Lentamente, estendeu a mão.

O livro estava morno.

A sensação foi tão inesperada que quase o deixou cair.

Segurou-o com ambas as mãos e abriu a capa.

A primeira página encontrava-se em branco. A segunda também.

Franzindo a testa, folheou mais algumas folhas.

Nada.

Apenas páginas vazias.

– Ainda não estás a ler da forma correta. – A voz surgiu algures atrás dela.

A Leonor sobressaltou-se e virou-se tão depressa que o livro quase lhe escapou das mãos.

A poucos metros de distância encontrava-se um homem. Ou pelo menos parecia um homem.

Era difícil determinar-lhe a idade. Os cabelos eram prateados, mas o rosto possuía uma serenidade intemporal. Podia ter quarenta anos. Ou oitenta. Ou talvez nenhuma dessas idades fizesse realmente sentido.

Vestia um longo casaco escuro que lhe chegava aos pés e observava-a com um sorriso discreto, como alguém que recebe uma visita que esperava há muito tempo.

– Quem é você? – perguntou a Leonor.

O homem inclinou ligeiramente a cabeça.

A Leonor apertou o livro contra o peito.

– Onde estou?

O homem olhou em redor, como se contemplasse a biblioteca pela primeira vez.

– Num dos lugares mais antigos que existem. – O sorriso dele alargou-se um pouco. – Estás na Biblioteca dos Livros Não Vividos.

A Leonor sentiu o peso das palavras pousar lentamente sobre ela.

Tinha lido aquele nome na porta, mas ouvi-lo pronunciado em voz alta tornava tudo muito mais real.

– E o que significa isso? – Pergunta a Leonor, ainda perdida nas palavras.

O homem aproximou-se da estante mais próxima.

Os seus dedos deslizaram pelas lombadas com uma familiaridade quase carinhosa.

– Cada livro que vês contém uma vida que nunca aconteceu.

– Não percebo.

– Claro que não. Ninguém percebe à primeira.

Retirou um volume da prateleira.

Na capa estava escrito apenas: Leonor.

– Esta é uma das tuas vidas.

Ela sentiu o estômago apertar-se.

– Uma das minhas?

– Sim.

– Mas eu só tenho uma vida.

O homem ergueu os olhos para ela.

Durante um instante, o brilho dourado das luzes refletiu-se nas suas pupilas.

– Tens uma vida vivida – respondeu calmamente. – Mas tiveste milhares que ficaram por viver.

A Leonor voltou a olhar para o livro que segurava entre as mãos.

Milhares de vidas. Milhares de versões de si própria espalhadas por aquela biblioteca enorme: a rapariga que estudara medicina, a que viajara pelo mundo, a que se apaixonara cedo, a que nunca saíra da sua cidade, a que falhara, a que triunfara, a que fora *completamente diferente*.

Durante um instante, sentiu uma tristeza estranha.

Não porque aquelas vidas fossem más.

Mas porque nunca as conheceria.

O homem pareceu compreender o que lhe passava pela cabeça.

– Estás a lamentar aquilo que vais perder.

A Leonor baixou os olhos e observou as estantes intermináveis.

– Então qual é o sentido de tudo isto?

O homem sorriu.

– Mostrar-te que a vida nunca consiste em viver todas as possibilidades, mas em escolher uma e ter a coragem de a viver até ao fim.

O silêncio instalou-se entre eles. Mas, pela primeira vez naquela noite, não lhe pareceu pesado. Pareceu-lhe sereno, como o mar antes do amanhecer.

Leonor voltou a abrir o seu livro. As páginas já não estavam vazias.

No centro da primeira folha surgiu uma única frase, escrita com letras douradas: "A história ainda não foi escrita."

Ela ficou a observá-la durante longos segundos.

Depois sorriu. Um sorriso pequeno, mas verdadeiro. Porque finalmente compreendeu que o futuro nunca lhe tinha sido pedido para ser perfeito. Nem certo. Nem extraordinário. Apenas para ser vivido.

Quando ergueu novamente os olhos, o homem já não estava ali.

E, algures entre as estantes infinitas, as luzes começaram a apagar-se uma a uma, como estrelas a desaparecer ao nascer do dia.

A Leonor fechou o livro contra o peito e caminhou em direção à saída.

Lá fora, o horizonte começava a clarear.

O mundo permanecia igual. As mesmas ruas. O mesmo mar. O mesmo céu.

Mas ela já não era a mesma.

Porque compreendera algo que muitas pessoas passam a vida inteira sem descobrir: não somos definidos pelas vidas que não vivemos. Somos definidos pela coragem com que vivemos aquela que nos foi dada.

E enquanto o Sol surgia lentamente sobre o oceano, a Biblioteca dos Livros Não Vividos desapareceu atrás dela, silenciosa como um sonho. Talvez nunca tivesse existido. Ou talvez existisse apenas para aqueles que precisavam de a encontrar.

Há perguntas que chegam demasiado cedo. E há respostas que só aparecem quando estamos prontos para continuar.

Ela sorriu para o primeiro raio de luz da manhã. E deu o passo seguinte.

O resto da história pertencia-lhe, a ela, e só a ela.